

EMPOBRECIMENTO DO CONHECIMENTO: ANTAGONISMO FRENTE À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

FERNANDO RISTER DE SOUSA LIMA¹

RICARDO LIBEL WALDMAN²

ROSEMEIRE SOLIDADE DA SILVA MATHEUS³

SUMÁRIO: 1 INTRODUÇÃO. 2 CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO. 3 CONSUMO E PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO. 4 CONCLUSÃO. 5 REFERÊNCIAS.

RESUMO: O objetivo do artigo é refletir sobre o porquê de numa sociedade denominada da informação o conhecimento está cada dia mais empobrecido. Muito embora se tenha muita informação circulando por meio da rede de computadores – *internet* – o conhecimento que dela se extrai é raso e “plano”. Vive-se, na verdade, um decréscimo no nível de sua produção do conhecimento. As informações são inúmeras, mas a constatação que se faz é que há o declínio e ausência da crítica na construção do pensamento frente à inundação de informações. Outros dois pontos são destacados no presente trabalho, que é a chamada *infodemia* e a *sociedade do espetáculo*, como fatores determinantes da produção e consumo de informações e conhecimento. A metodologia aplicada é do raciocínio indutivo, no sentido de estudar o fenômeno do empobrecimento do conhecimento diante das dicotomias apresentadas.

¹ Professor Permanente do Programa de Pós-graduação (mestrado/doutorado) em Direito Político e Econômico da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). São Paulo-SP, Brasil. fernando.lima@mackenzie.br.

² Doutor em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do Mestrado em Direito da Sociedade da Informação no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU-SP). Professor da Escola de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Membro da Comissão Mundial de Direito Ambiental da União Internacional para Conservação da Natureza. São Paulo – SP, Brasil. ricardo.waldman@fmu.br.

³ Mestranda em Direito da Sociedade da Informação, Especialista em Processo Civil e Bacharel em Direito pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Advogada. São Paulo – SP, Brasil. rosemeire.matheus@matheusenogueiraadvogadas.com

Palavras-chave: Conhecimento. Informação. Infodemia. Sociedade do Espetáculo. Tecnologia.

IMPROPER KNOWLEDGE: ANTAGONISM TOWARDS THE INFORMATION SOCIETY

ABSTRACT: The work concerns a current of the impoverishment of knowledge. The reflection is precisely how, in a society called information and knowledge, it is increasingly impoverished from the very awareness it generates. Although there is much information circulating within the computer network - internet - the knowledge extracted from it is shallow and flat, even with so many tools available to expand it. We are experiencing a decrease in the level of knowledge production. The information is countless and current, but there are a decline and absence of criticism in the construction of understanding due to the information flood, which is the motivating fact of the knowledge impoverishment. There are two other points highlighted in the present work, which is called infodemic and the society of the spectacle, as determining factors in the production and consumption of information and knowledge. The applied methodology based on inductive reasoning of studying the phenomenon of knowledge impoverishment in the face of the dichotomies presented.

Keywords: Knowledge; Information; Infodemic; Spectacle Society, Technology.

1 INTRODUÇÃO

São muitas as facilidades trazidas pela Sociedade da Informação ou pelas ferramentas tecnológicas à disposição do público em geral. Contudo, o antagonismo da propositura reside justamente no fato de haver tantas facilidades para o aprendizado e, a cada dia, constatar-se uma sociedade mais medíocre em conhecimento contaminada pelo contexto da pós-verdade, do espetáculo, da aparência.

A abordagem do texto foi qualitativa valendo-se de pesquisas e artigos no mesmo sentido da hipótese levantada, bem como visões contrárias. Com relação à natureza da pesquisa adotada, sua modalidade é básica, pois não há uma aplicação prática prevista; no entanto, envolve fatos e interesses que legitimam o panorama atual do conhecimento e aprendizado da população.

Por sua vez, a pesquisa é descritiva, o que atende ao objetivo geral de descrever fatos, fenômenos e eventos universais ligados ao conhecimento, notadamente pelo uso da internet, forma mais fácil de se adquiri-lo. Quanto à metodologia, este trabalho adota necessariamente a pesquisa teórica, por meio de referencial teórico, com bibliografias inerentes ao tema e demais referências publicadas por meio impresso e eletrônico.

A publicação justifica-se no fato que a Sociedade da Informação oferece uma gama de facilidades para aquisição de conhecimento, pouco ou nada exploradas. A sociedade, de modo geral, levita superficialmente pelas ferramentas tecnológicas em busca de um conhecimento raso, momentâneo e passadiço. Noutro ponto, pela quantidade de informações disponíveis, vive-se numa constante exaustão, dada a gama de informações disponíveis, porém incapazes de alçar o conhecimento.

Primeiro, o texto aborda o conhecimento e a informação; em segundo, a apresentação do conhecimento como objeto de produção e consumo, para se concluir no sentido da proposição do tema, ou seja, dentro da perspectiva de modernamente viver-se na era da Sociedade da Informação e ao mesmo tempo não sermos capazes de estimularmos o pensamento crítico, único capaz de produzir conhecimento favorável à humanidade.

2 O CONHECIMENTO E A INFORMAÇÃO

Nesta seção, apresenta-se e problematiza, como o conhecimento e a informação são compreendidos e utilizados nos dias de hoje, quando as tecnologias da informação e da comunicação, em especial com o avanço da internet, mudaram a forma como os indivíduos formam sua visão de mundo.

2.1 CONHECIMENTO E PROCESSO DE CONHECIMENTO

Existem várias possibilidades de compreensão quando se fala em conhecimento. Não se trata de conceito unívoco. Interessa aqui uma análise a partir da Sociedade da Informação. Escolhe-se os conceitos de Lyotard em especial na sua obra “A condição pós-moderna” (2021), porquanto o autor constrói uma distinção entre duas formas de saber, as quais não se caracterizam por um acesso à realidade como práticas de validação de proposições: a ciência e a narrativa (LYOTARD, 2021, p. 32).

A primeira, em curtas linhas, caracteriza-se pelo fato de que o conhecimento é validado pela compatibilidade de determinada premissa com um conjunto de regras aceitas pelos especialistas (LYOTARD, 2021, p. 70). A segunda, por outro lado, caracterizada pelo sentido que uma afirmação tem dentro de um determinado relato que se legitima socialmente a partir de uma lógica interna ao próprio relato (LYOTARD, 2021, p. 59-69). Segundo LYOTARD, as regras da ciência, como as narrativas, expressam relações de poder e não têm uma base concreta na realidade de modo que a mesma se fundamentam em relatos legitimadores que coloca a liberdade ou progresso da Humanidade nas mãos da ciência (LYOTARD, 2021, p. 85-95).

Esta promessa, diz o autor, não foi cumprida. A ciência, neste contexto, passa a ter como finalidade a eficiência, de acordo com os critérios do mercado, abandonando a busca pela verdade ou pelo progresso. (LYOTARD, 2021, p. 97).

Esta teoria pode ser vista como uma versão filosófica de uma visão de mundo muito comum em nossa época. De acordo com esta visão, a ciência é uma forma de discurso que compete com outras. Assim como as outras formas de discurso, estaria sujeita ao viés e, principalmente, aos interesses de quem o profere, estando vinculada à estruturas de poder. As informações disponíveis podem ser organizadas, por quem quer que seja, desde que possa de uma forma coerente com suas próprias premissas, as quais são precisam ser verdadeiras nos termos da ciência, mas nos próprios termos do discurso que fundamentam.

Na descrição de Morin (2002, p. 180), trata-se de um ponto de vista sobre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento que renega o objeto, sendo a “ênfase colocada no caráter ideológico, cultural e social do sistema teórico (a

teoria dos sistemas) em que se inscreve a concepção de um sistema físico.” Ora, tal visão é tão incompleta quanto aquela que entende ser possível um conhecimento do objeto independente do sujeito cognoscente (MORIN, 2002, p. 180) ignorando o contexto em que se dá a obtenção do conhecimento, ou o contexto de formação daquilo que Lyotard (2021) chamou de discurso legitimador da ciência, como visto.

As pessoas vivem em um mundo físico e biológico que precisa ser compreendido da maneira mais adequada possível. Uma visão totalmente ideológica do conhecimento pode ter resultados muito perigosos porque os vírus, por exemplo, existem e matam acreditemos neles ou não.

Um dos desafios do mundo moderno e globalizado é proporcionar um conhecimento capaz de ser acessível a todos e que, de forma geral, contribua para alterar as estruturas sociais positivamente, com a apropriação do objeto do conhecimento em favor da humanidade.

A construção do conhecimento depende da capacidade de sociedade de produzi-la e sempre foi de grande relevância para a mesma. Entretanto, a geração de conhecimento na atualidade ganha uma repercussão que não teve no passado em razão relevância que têm para economia e a sociedade as tecnologias da informação e da comunicação. Sua capacidade de performance é muito superior a dos outros mecanismos econômicos. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 19).

Assim, o considerando o papel da informação na formação do conhecimento se passa a analisar o conceito de informação na próxima seção.

2.2 A INFORMAÇÃO E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Semanticamente, a palavra *informação* tem vários significados nas diferentes áreas de percepção, a saber:

Significado de Informação (*substantivo feminino*)

Reunião dos conhecimentos, dos dados sobre um assunto ou pessoa;

O que se torna público através dos meios de comunicação ou por meio de publicidade: o jornal divulgou a informação sobre o concurso;

Esclarecimento sobre o funcionamento de algo: informações sobre o aparelho.

[Informática] Fator qualitativo que designa a posição de um sistema e, eventualmente, o transmite a outro.

[Informática] Reunião dos dados que, colocados num computador, são processados, dando resultados para um determinado projeto.

[Jurídico] Conjunto dos atos que têm por objeto fazer prova de uma infração e conhecer-lhe o autor.

Ação ou efeito de informar ou de se informar (DICIO, 2020, online).

Além da semântica, a abordagem da expressão *informação* foi feita a partir de um conceito científico, tratado por Rafael Capurro e Birger Hjørland no campo da *Ciência da Informação*⁴. Os autores identificaram a existência de três formas de se compreender a informação: *informação* como algo físico; *informação* como algo associado a uma dimensão cognitiva; e *informação* como fenômeno de natureza intersubjetiva e social (CAPURRO; HJØRLAND, 2003, p. 350).

Em outro trabalho, o autor Rafael Capurro nos apresenta, quanto à informação, várias vertentes conceituais do objeto do estudo e, mesmo não sendo escopo do presente trabalho perquirir sobre todos, mas somente sobre a análise e identificação do fenômeno como um elemento dentro do estudo proposto, desponta-se como referência teórico atual, a saber:

⁴ A “Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade. [...]. É uma ciência interdisciplinar, derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm ambos, componentes de ciência pura, visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos” (UCLA, 2020, online).

O conceito moderno de informação como a comunicação do conhecimento não está relacionado apenas a uma visão secular das mensagens e mensageiros, mas inclui também uma visão moderna do conhecimento partilhado por uma comunidade (científica). A pós-modernidade abre este conceito para todos os tipos de mensagens, particularmente dentro da perspectiva de um ambiente digital. Podemos chamar de ciência do conhecimento (melhor: mensagem) comunicação ciência da informação ou *angeletics*⁵ (CAPURRO, 2000, online)⁶.

Saindo do objeto geral que é a informação, a partir dos conceitos e estudos gerados pela *Ciência da Informação (CI)*. Assim, deste ponto de vista, informação é conhecimento comunicado. Ainda conforme este ponto de vista, não só o conhecimento científico, mais qualquer mensagem pode ser considerada informação, ou seja, conhecimento compartilhado.

Quando se trata de patilha de conhecimento na sociedade atual, não se pode deixar de refletir de modo mais particularizado sobre a informação gerada pela rede mundial de computadores (internet).

Não é novidade alguma que vivemos em uma sociedade denominada da informação. A *Sociedade da Informação* remonta ao armazenamento, processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos, e não somente por computadores, mas também, rádio, televisão, aparelhos de telecomunicação (SIQUEIRA JUNIOR, 2007, p. 748), ou melhor:

A sociedade contemporânea é a sociedade da informação. [...]. Nas últimas décadas o mundo vem experimentando notáveis transformações em função da aceleração dos mecanismos de difusão das informações, proporcionada, especialmente, pelo desenvolvimento tecnológico das telecomunicações e da microeletrônica. A facilitação do acesso à informação pelos diversos meios de comunicação, como o rádio, a televisão, os telefones e os computadores – especialmente com o advento de

⁵ Segundo Capurro, *angeletics* (trad. angéltica) significa “a ação de trazer uma mensagem”; já a mensagem em si mesma era designada, em grego, pelos termos *angellein* e *angelia* (CAPURRO, 2017, online).

⁶ Do original: "*The modern concept of information as knowledge communication is not related just to a secular view of messages and messengers but includes also a modern view of empirical knowledge shared by a (scientific) community. Postmodernity opens this concept to all kinds of messages, particularly within the perspective of a digital environment. We may call a science of knowledge (better: message) communication information science or angeletics*" (CAPURRO, 2000, online, tradução livre dos autores).

novas tecnologias como a internet, o satélite, a telefonia celular e a rede de fibra óptica mundial -, modificou - e vem modificando - substancialmente as relações sociais, econômicas e jurídicas, razão pela qual se pode dizer, que a sociedade contemporânea é da informação (PAESANI, 2007, p. 162).

Para Manuel Castells, a era da informação está cada vez mais interligada e organizada em torno de redes, segundo o modelo em rede se adapta bem as configurações do que o próprio classifica como capitalismo informacional: a circulação da informação é rápida e dinâmica, e graças a essa velocidade, novidades estão presentes o tempo todo, tonando a instabilidade constante o padrão do mercado. O autor observa, ainda, dentro da sociedade em rede os fluxos de trocas de informações não respeitam fronteiras nacionais, a informação torna-se tão ampla quanto os espaços de atuação do capitalismo.

Redes constituem uma nova morfologia social de nossas sociedades e difusão lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, pode e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social (CASTELLS, 2009, p. 553).

Neste contexto, aprofundando ainda mais o conceito de informação, Oliveira e Waldman (2020, p. 251) identificam na doutrina os seguintes sentidos de informação no contexto da sociedade em rede: a) como próprio conhecimento; b) como transmissão do conhecimento; c) insumo de produção; e d) resultado da produção.

Então, a informação em nossa sociedade está relacionada de modo muito importante como processo produtivo e a sua transmissão é diferenciada do que foi no passado porque se dá em rede

Para Pierre Lévy, não seria a primeira vez na história que a aparição de novas tecnologias intelectuais vem acompanhadas sob novas formas do saber: da oralidade passamos à escrita e, por ora, à informática (LÉVY, 2016, p. 19).

Indaga-se, portanto: no foco da presente pesquisa, que tipo de informação é gerada pelas redes de computadores? Essa informação contribui para o aumento da compreensão da realidade em seus aspectos objetivos e subjetivos de modo a melhorar a vida das pessoas.

Certo é que a circulação de informação, em todos os tempos, contribui para a produção do conhecimento e, como bem leciona Lévy, passamos por tantas formas do saber, que agora temos aquele gerado pela informática, telemática e tantas outras formas tecnológicas de transmissão de informações (LÉVY, 2016, p. 21).

Interessante que o autor não faz uma crítica direta ao uso das tecnologias e da informática para a construção do conhecimento; ele investiga entre temas da história da escrita, filosofia, política e até pela descrição de hipertextos e interfaces, fazendo uma análise de como essas novas tecnologias intelectuais condicionam a existência das novas formas de pensamento (LÉVY, 2016, p. 95).

A simulação toma lugar da teoria e o conhecimento, por sua vez, ligado às circunstâncias particulares das tecnologias, fica relativizado (LÉVY, 2016, p. 126), o que, em certo sentido, também é defendido por Castells, quando esclarece que as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas um processo a ser desenvolvido (CASTELLS, 2009, p. 51). Retomando o que se disse com base em Lyotard, o conhecimento passa a ser resultado da aplicação de um conjunto de regras e não de um acesso à realidade.

Em relação aos dois questionamentos propostos, não se trata de defender, rejeitar ou ficar em uma posição neutra; haverá aqueles que defendem a atual forma de circulação e propagação da informação e conhecimento, como outros não. Ao que se denota, a relevância consiste naquele – conhecimento e/ou informação – capaz de gerar benefícios à humanidade.

Desse modo, a posição mais assertiva que trata das formulações relacionadas à *indeterminação* e *ambiguidade* tecnológicas vem de Pierre Lévy, que afirma:

Podemos sempre lamentar o “declínio da cultura geral”, a pretensa “barbárie” tecnocientífica ou a “derrota do pensamento”, cultura e pensamento estando infelizmente congelados em uma pseudoessência que não é outra senão a imagem idealista dos bons velhos tempos. É mais difícil, mas também mais útil apreender o real que está nascendo, torná-lo autoconsciente, acompanhar e guiar seu movimento de forma que venha à tona suas potencialidades mais positivas (LÉVY, 2016, p. 119).

E o autor prossegue assertório:

A circulação da informação dessa forma rápida quase imediata que nos proporciona a internet está entre nós, como vimos, desde o final do século passado, e possui um papel importante na aquisição do conhecimento, todavia esse saber informatizado afasta tanto da memória como a memória e seu objetivo e questão fundamental é a operacionalidade e velocidade (LÉVY, 2016, p. 120).

Assim, o que temos que ter em mente é a proteção da manutenção do pensamento crítico como única forma eficaz de canalizar essa informação em favor do conhecimento; aliás, daquele que acreditamos ser favorável, revertido à humanidade e concebido de uma forma democrática e disponível a todas as pessoas.

Muito embora o conhecimento nos dias de hoje tenha se transformado em matéria de consumo e, também, seja marcado pelo poderio produtivo entre Estados e Nações (LYOTARD, 1979, p. 5), constitui, por sua difusão, uma sensível e expressa possibilidade de mudança entre povos e países em desenvolvimento. Entretanto, essa mercantilização também pode ter desvios e atrair os artífices a um campo de batalha com o intuito de domínio da informação,

ocasionando danos à sociedade, seja de cunho político, comercial até mesmo militar. Neste contexto, a busca da verdade passa ao largo.

E será sob o ponto de vista do consumo e da produção do conhecimento que discorreremos, no tópico a seguir, enfatizando a outrora denominada *Sociedade do Espetáculo* e, atualmente, *Infodemia*, cuja características têm aspectos danosos à sociedade como um todo.

3 PRODUÇÃO E CONSUMO DE INFORMAÇÃO – SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E INFODEMIA

A facilidade com qual a informação é produzida e transmitida, bem como os interesses que influenciam o que de fato chega nas pessoas, faz com que a correspondência das afirmações com a realidade seja completamente secundária. Neste sentido, pode-se falar em um empobrecimento do conhecimento. Esta é a época da pós-verdade, na qual a compatibilidade da “informação” com as demais crenças e sentimentos do sujeito é mais importante do que sua adequação aos fatos (D’ANCONA, 2018, p.19-21). Embora tema da pós-verdade seja relativamente novo, o problema tem raízes já em meados do século passado.

Assim, abordagem desse tópico passa, necessariamente, pela análise de duas construções teóricas: uma mais antiga, que é a *sociedade do espetáculo*, estudada e discutida nos anos de 50, e um fenômeno bem recente, a *infodemia*, difundido com a vivência da humanidade na pandemia COVID-19.

A *sociedade do espetáculo* está amplamente ligada à primazia da imagem e foi mencionada, pelo que se tem registro, em novembro de 1967, em Paris, por Buhet-Chastel. Uma teoria crítica do segmento de comunicação e reprodução em larga escala, que não foi alterada, mas reescrita por Guy Debord, tornou o autor mais famoso ao escrever sobre essa temática. Crítico do domínio da imagem e da sociedade capitalista, ele editou seu primeiro livro em 1971,

abordando o mesmo tema e o relacionando com o contexto da dominação econômica sobre a vida social e a supressão da consciência da sociedade por meio da superficialidade e a simples aparência (DEBORD, 2003, p. 6).

Outros autores replicaram seu trabalho, descrevendo o fenômeno com uma abordagem social onde, simultaneamente, as relações sociais se dão por meio da produção e consumo de mercadorias, e também da produção e do consumo de *imagens* (COELHO, 2014, p. 6), isto é, a mercantilização de todas as relações sociais que se observa a partir de um dado momento, dentro da sociedade capitalista, se transformou em uma *sociedade do espetáculo* com a mudança de qualidade e quantidade no processo de produção de imagens em larga escala, sendo elas o produto, a mercadoria, ou o modo de incentivo para consumo de outras mercadorias.

Assim, a expressão *sociedade do espetáculo* é entendida como a sociedade onde as imagens exercem poder, mas não só, pois também considera um conjunto de relações sociais mediadas pelas imagens e a notória característica de mercantilização do espetáculo para o consumo. O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é o que parece é bom. O que é bom aparece. A atitude que ele exige, por princípio, é aquela aceitação passiva e que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência (DEBORD, 2003, p. 17).

O que a representa concretamente é uma fabricação de alienação. A expansão econômica é, principalmente, a difusão da produção industrial. O crescimento econômico, que cresce para si mesmo, não é outra coisa senão a alienação que constitui seu núcleo original. O homem, alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele e, quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais ele se separa dela. O espetáculo, então, é o *capital* a um tal grau de acumulação que se toma imagem (DEBORD, 2003, p. 26-27).

Portanto, a *sociedade do espetáculo* não é neutra, mas é um produto - essencialmente unilateral - sem qualquer sentido crítico; a alienação é presente

no objeto contemplado e, sem dúvida, é um fenômeno que se acentua pela internet, em especial, na comunicação dos influenciadores digitais⁷. Ambas, portanto, não produzem conhecimento, apenas são uma forma de reprodução de conteúdo dos mais variados, com finalidade econômica, mas sem qualquer compromisso com o aprendizado e conteúdo.

Diferente não é a outra vertente, recentemente existente, em relação à produção e consumo de informações - a chamada *infodemia*, um fenômeno caracterizado pelo excesso de informações, alvo de preocupação até para a Organização Mundial de Saúde (OMS):

A Organização Mundial de Saúde (OMS) batizou esse fenômeno como *infodemia*: uma superabundância de informações - algumas precisas e outras não - que dificultam que as pessoas encontrem fontes e orientações confiáveis quando precisam delas. A disseminação de informações falsas não é novidade. Rumores e mensagens científicas foram veiculadas durante os surtos de ebola e zika, e o movimento antivacina também não é novo, de acordo com a OMS. No entanto, pela primeira vez o mundo enfrenta uma pandemia em uma era de “pós-verdade”, em que a opinião pública é modelada mais pelo apelo às emoções e crenças do que por fatos. A principal fonte de notícias das pessoas tem sido a internet, onde as informações podem circular em redes sociais sem passar por filtros de profissionais do jornalismo e da saúde, além de fontes oficiais do governo. Com isso, a web se tornou um campo amplo para divulgação de notícias imprecisas, não confirmadas e até deliberadamente falsas. A desinformação pode ser causada por motivos financeiros e ideológicos. Existem tanto pessoas que desconfiam da objetividade da ciência e são aficionadas por teorias de conspiração quanto produtores de conteúdo em busca de audiência e especuladores que tentam lucrar com “curas” milagrosas e outros produtos de saúde (OMS/OPAS, 2020, online).

Certo é que o processo evolutivo de desenvolvimento de novas tecnologias não para; todavia, nossa premissa inicial é que essa informação não

⁷ Tais perfis se revelaram particularmente populares e capazes de exercer grande influência no estilo de vida de seus seguidores. Os responsáveis pelas publicações foram intitulados de influenciadores digitais (ou *digital influencers*). Para atrair mais seguidores, se utilizam da exposição da vida pessoal, compartilhando momentos do dia a dia, com roupas e ambientes cuidadosamente selecionados, deixando o *feed* o mais agradável e inspirador possível (MOREIRA; BARBOSA, 2018, p. 78).

tem sido bem utilizada na produção do conhecimento, tanto que o fenômeno da *infodemia* surgiu, justamente, devido ao desrespeito das boas práticas de publicação e divulgação de resultados (pesquisas, artigos, revistas científicas) em relação à pandemia COVID-19.

Em julho de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), reconhecendo a importância de responder à infodemia, promoveu a primeira conferência científica sobre o tema. Foram reunidos 110 especialistas, os quais concluíram que tal epidemia de desinformação requer uma resposta coordenada e multidisciplinar. Do mesmo modo que as autoridades sanitárias se apoiam na ciência da epidemiologia para a tomada de decisões na resposta à pandemia, são necessárias ferramentas e intervenções baseadas em evidências para o enfrentamento à infodemia, baseadas na ciência da gestão de infodemias, denominada infodemiologia (GARCIA; DUARTE, 2020, online).

Na verdade, esse fenômeno desta a produção de desinformação, e não está presente somente no enfrentamento da pandemia, mas observamos em toda a rede de computadores, em larga medida, através de conteúdos falsos ou manipulados, conhecidos como *fake news*. A gravidade da desinformação é tamanha que gerou um relatório para a Unesco, onde as pesquisadoras Kalina Bontcheva e Julie Posetti defendem que a desinformação originada pela *infodemia* ameaça não apenas indivíduos, mas sociedades inteiras (POSETTI; BONTCHEVA, 2020, online).

Ligado às *fake news*, o discurso do ódio, ganhou relevância no debate, na medida que as redes sociais são suas maiores propagadoras.

Os algoritmos⁸, desenhados para mapear e compreender os padrões de uso dos usuários das aplicações de internet, e, posteriormente, devolver a esses usuários um determinado conteúdo exposto de acordo com as preferências destes usuários, acabam propagando desinformação [através de *fake news* e

⁸ *Algoritmos* são a base do processo de desenvolvimento de software e fazem parte das ferramentas pelas quais programadores criam estratégias para fracionar problemas em etapas e processos que podem ser traduzidos computacionalmente. Na tecnologia, há exemplos de todos os níveis de complexidade (GARRETT, 2020, online).

discurso de ódio]. Assim funcionam o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *Youtube* e o *Google*, grandes tecnológicas do ambiente informático (GARRETT, 2020, online). Nessa interação entre a máquina e humano, aliás, constatou-se que o ódio exerce maior poder de engajamento do que sentimentos positivos e amenidades (BARRETO JÚNIOR, 2020, p. 121), o que nos leva a crer que o ambiente da internet e as informações nela veiculadas carecem de um melhor direcionamento, senão pela lei, então pelo usuário, pura e simplesmente.

Além disso, o excesso de informações também ocasionou a chamada *sociedade do cansaço*, descrita pelo filósofo Byung-Chun Han, ao explicar a transformação do Ocidente:

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção. A técnica temporal e de atenção *multiasking* (multitarefa) não representa nenhum processo civilizatório. A multitarefa não é a capacidade para a qual seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se dantes um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem (HAN, 2017, p. 31-32).

Assim, a disposição dos indivíduos para checarem a procedência das informações que recebem acaba diminuindo drasticamente. O pensamento crítico e a reflexão se esvaem em uma avalanche de informações enviadas sem cessar a sujeitos que são obrigados a ter altas performances em tudo o que fazem.

Não é demais citar os pensamentos de Zygmunt Bauman, que trouxe à luz e ao conhecimento de um incontável número de pessoas o conceito de *sociedade líquida*, uma construção sociológica única que nos esclarece sobre as mazelas da sociedade moderna, com seu modo de vida compulsivo, obsessivo e viciante (BAUMAN, 2014, p. 78).

Adiante, na mesma obra, o autor faz menção a Hans Jonas, filósofo ético do século, XX, que foi uns dos primeiros autores a tratar das consequências repulsivas da tecnologia sobre a ética (BAUMAN, 2014, p. 83).

Dessa forma, o acesso imediato a todo tipo de informação, compartilhadas instantaneamente em alguns *cliques*, por parte dos usuários da rede de computadores, acaba gerando uma percepção de irresponsabilidade, talvez por sentirem uma falsa sensação de anonimato; no entanto, o limite dessa atuação, além das sanções legais, deve ser uma atuação ética (WALDMAN; NEVES, 2020, p. 7).

A *Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação*, realizada em Geneva (2003) e Tunis (2005), firmou compromisso no sentido de construir uma sociedade centrada nas pessoas, sob orientação dos princípios e propósitos da *Carta das Nações Unidas*, defendendo a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* para o desenvolvimento do milênio (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020, online).

Com certeza os contextos culturais e institucionais interagem decisivamente com esse novo sistema tecnológico de informações. É necessário discutir o modo como a informação se propaga, pois, a atual forma de circulação, ocorre em desmedida, muitas vezes sem ética e propicia mais a satisfação de interesses do que um conhecimento sobre como melhorar a vida das pessoas.

4 CONCLUSÃO

O processo de empobrecimento do conhecimento é presente na Sociedade da Informação, atrapalhando futuras construções intelectuais com embasamento racional. A revolução tecnológica continuará diante de sua exponencialidade; todavia, da forma como a circulação da informação ocorre nos dias de hoje, em um ambiente sem ética e intimamente ligado a interesses puramente econômicos. A quantidade de (des)informações disponíveis coloca o

indivíduo como uma “presa fácil” para um processo que pode minar o pensamento crítico das futuras gerações, com mentes engessadas por informação rasas e sem quaisquer condições de estabelecer reflexões sobre a história, comprometendo o próprio futuro.

A informação que é amplamente divulgada nas redes sociais na sua maioria não foi construída com critérios científicos ou mesmo com um mínimo de racionalidade que possa ser considerada minimamente objetiva. Encontra-se, ao contrário disso, um processo inverso do que é correto. Busca-se informação para se corroborar com o que “eu penso” e não se busca informação para fundamentar a minha opinião. A lógica ficou comprometida.

As redes sociais participam ativamente desse processo quando constroem bolhas impermeáveis ao conhecimento contrário ao gosto dos usuários. Os robôs aproximam – e, nessa lógica, afastam – informação conforme as curtidas do usuário. Nesse sentido, o antagonismo reside no fato de se viver na Sociedade da Informação, contudo, a qual é incapaz de usar todo esse arcabouço tecnológico existente, de reverter o jogo e iniciar um processo de informação que possa resgatar o pensamento crítico, sendo capaz de produzir conhecimento transformador em favor da humanidade.

5 REFERÊNCIAS

BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco. Fake News e Discurso do Ódio: Estratégia de Guerra Permanente em Grupos de WhatsApp, p. 113-129. In: RAIS, Diogo (coord). **Fake News**: a conexão entre a desinformação e o direito. 2 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dent-Zioen. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CAPURRO, Rafael. Ethical challenges of the Information Society in the 21st century. **International Information & Library Review**, 32, 257-276, 2000. Disponível em: <http://www.capurro.de/EEI21.htm>. Acesso em: 06 dez. 2020.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. The concept of information. In: CRONIN, Blaise (ed.). **Annual Review of Information Science and**

Technology, v. 37, chapter 8, pp. 343-411. Medford/USA: Information Today Inc., 2003.

CAPURRO, Rafael. **What is angeletics?**, 2017. Disponível em: <http://www.capurro.de/angeletics.html>. Acesso em: 09 dez. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Belém/POR: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

COELHO, Claudio Novaes Pinto. **Teoria Crítica e Sociedade do Espetáculo**. Jundiaí/SP: In House, 2014.

D'ANCONA, Mathew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake News**. Barueri: Faro editorial, 2018.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Informação**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/informacao>. Acesso em: 06 dez. 2020.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil: Epidemiologia e Serviços de Saúde**. Brasília, v. 29, n. 4, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ress/v29n4/2237-9622-ress-29-04-e2020186.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2020.

GARRETT, Filipe. **O que é algoritmo?** Entenda como funciona em apps e sites da Internet, 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/05/o-que-e-algoritmo-entenda-como-funciona-em-apps-e-sites-da-internet.ghtml>. Acesso em: 05 dez. 2020.

HAN, Byung-Chun, **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**, tradução de Carlos Irineu Costa, São Paulo: Editora 34, 2016.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima. **Enomização da judicialização da saúde**. REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DO DIREITO, v. 8, p. 152-184, 2021.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima; FINCO, Matteo. **A CIDADANIA E O HIPERVALOR? DA DIGNIDADE HUMANA**. Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas, v. 36, p. 1-15, 2020.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima. **A QUEBRA DE PARADIGMAS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL EM DIREITO À SAÚDE E A AUSÊNCIA DA CONSISTÊNCIA TEÓRICA**. Revista Jurídica- Unicuritiba, v. 2, p. 377-396, 2020.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima; ROCHA, B. A. B. ; WALDMAN, R. L. . **MUDANÇA NO PAPEL DO INDIVÍDUO PÓS-REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O MERCADO DE TRABALHO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**. Pensamento Jurídico, v. 14, p. 298-318-318, 2020.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima; FINCO, Matteo. **Há limites na intervenção dos tribunais na saúde pública?**. REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DO DIREITO, v. 5, p. 27-41, 2019.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima; BÔAS FILHO, Orlando Villas. **POR UMA DESCRIÇÃO DA JUSTIÇA EM LUHMANN**. DIREITOS CULTURAIS (ONLINE), v. 14, p. 251, 2019.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima; FINCO, Matteo. **DIRITTI FONDAMENTALI E DIRITTI UMANI: IL CONTRIBUTO DELLA TEORIA DEI SISTEMI SOCIALI. PROSPETTIVE DI INDAGINE**. REVISTA OPINIÃO JURÍDICA (FORTALEZA), v. 17, p. 109, 2019.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima; FINCO, Matteo. **Teoria Sistêmica e Direitos Humanos: O Supremo Tribunal Federal e o Direito à Saúde**. Pensamento Jurídico, v. 13, p. 395-420, 2019.

LIMA, Fernando Rister de Sousa Lima; FINCO, Matteo. **Il limite economico delle decisioni giudiziarie nell'ambito della salute pubblica in Brasile**. IL DIRITTO DELL'ECONOMIA, v. 100, p. 101-116, 2019.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 20 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2021.

MARTINS, Melanie. A política da sociedade em rede - Manuel Castells. **Jornalismo ESPM**, 12 jun. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@jornalismoespm2017.1/a-pol%C3%ADtica-da-sociedade-em-rede-manuel-castells-6dbe70ac1948>. Acesso em: 30 mar. 2021.

MOREIRA, Diogo Rais Rodrigues; BARBOSA, Nathalia Sartarello. O reflexo da sociedade do hiperconsumo no Instagram e a responsabilidade civil dos influenciadores digitais. **Revista Direitos Culturais**, v. 13, n. 30, p. 73-88, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://livros-e-revistas.vlex.com.br/vid/reflexo-da-sociedade-do-739453741>. Acesso em: 05 jan. 2021.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Carta das Nações Unidas**. Acesso em: <https://brasil.un.org/pt-br/91220-carta-das-nacoes-unidas>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14. Acesso em: 30 dez. 2020.

PAESANI, Liliana Minardi (coord.). **Direito na Sociedade da Informação**. São Paulo: Atlas, 2007.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. **Disinfodemic: deciphering COVID-19 disinformation - Resumo de políticas da UNESCO, 2020**. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por. Acesso em: 08 dez. 2020.

SIQUEIRA JUNIOR, Paulo Hamilton. Direito Informacional: Direito da Sociedade da Informação. **Revista dos Tribunais**, v. 859, p. 743-759, maio/2007.

TARAPANOFF, Kira (org.). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT/UNESCO, 2006.

WALDMAN, Ricardo Libel; NEVES, Marcelo Nogueira. Sociedade da Informação: a responsabilidade na internet e o mau uso da tecnologia, a busca pela ética no convívio digital. **Revista do PPGCJ/UFPB Prim@ Facie**, v. 19, n. 40, p. 01-28, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/50234>. Acesso em: 08 dez. 2020.